# Introdução ao epifenomenalismo - 09/03/2018

O epifenomenalismo é um termo que foi cunhado por William James, em 1890,  
significando que a mente é um fenômeno “superficial” [i]. A doutrina formula  
que estados mentais não possuem poderes causais, ou seja, a ação psicofísica é  
unidirecional: do corporal ao mental[ii]. Podemos utilizar duas metáforas[iii]  
para boa compreensão: o comportamento de uma sombra é dependente do  
comportamento da luz e do objeto em sua frente e ela também não pode causar  
alteração neles; e a fumaça produzida pela caldeira de uma locomotiva não é a  
causa dela se mover. Do mesmo modo, a mente seria um produto do cérebro/corpo,  
não tendo poderes causais sobre ele.  
  
O conceito de mente que usamos aqui está próximo ao da consciência fenomênica  
(embora haja mente inconsciente) e ele se refere à experiência subjetiva, às  
qualidades fenomenológicas imediatas[iv] que englobam propriedades  
experienciais (vivenciais) das sensações, percepções, sentimentos,  
pensamentos, emoções e desejos. São os conhecidos \_qualia\_ , as qualidades  
subjetivas. Embora não nos interesse aqui, Faria divide o epifenomenalismo de  
tipo forte, que não admite que qualquer tipo de estado mental cause alterações  
no plano físico, e o de tipo fraco, que admite que apenas os \_qualia\_  
causariam alterações no plano físico.  
  
De acordo com Faria, o epifenomenalismo surge no fim do século XIX com os  
trabalhos do biólogo T. H. Huxley e do filósofo Shadworth Hodgson e tudo não  
passa de uma causação mecânica onde eventos físicos são processados desde o  
mundo externo passando pelos sentidos e provocando estímulos cerebrais que  
produzem sensação, consciência[v]. Então, Huxley propõe que um estado nervoso  
antecede o estado da consciência, ou seja, a partir de uma mudança molecular  
na estrutura cerebral aparece o estado de consciência como um símbolo dessa  
mudança, a chamada molécula ideagênica.  
  
Embora Faria advirta que há poucos pensadores, na atualidade, que defendem a  
tese epifenomenalista, por outro lado ele ressalta que é uma doutrina  
filosófica sedutora para quem rejeita o dualismo e compactua com alguma forma  
de fisicalismo, ou seja, para aqueles que pensam que a mente é irredutível à  
bases físico-químicas cerebrais e também para aqueles que prezam o fechamento  
causal do mundo físico. Assim, evita-se a “mão dupla“ do dualismo mantendo-se  
as conexões causais apenas no mundo físico e a mente seria inócua causalmente,  
uma excrescência, enfim, um epifenômeno. Como qualquer teoria, o  
epifenomenalismo terá de lidar com argumentos contrários, mas também se valerá  
de fortes indícios que os sustenta, mas esse aprofundamento requererá um novo  
texto.  
  
   
  
\* \* \*  
  
[i] Osvaldo Pessoa Jr: \_Arquivos Lexicográficos\_. Atualizado em 24/04/2016.  
  
[ii] Não podemos esquecer que o epifenomenalismo, diferente do materialismo,  
considera que há uma mente e não somente eventos físicos, químicos, mecânicos,  
etc. Ver: “Dá para desatar o nó do mundo?”, disponível em:  
[http://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2016/03/da-para-desatar-o-no-do-  
mundo.html](http://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2016/03/da-para-desatar-o-  
no-do-mundo.html).  
  
[iii] A partir daqui, grande influência de Faria: \_Notas históricas sobre o  
epifenomenalismo\_.  
  
[iv] Cf. \_Arquivos Lexicográficos\_.  
  
[v] Conforme Huxley, T. H. \_Sobre a hipótese de que animais são autômatos\_.